

APRENDER FAZENDO: METODOLOGIAS E PRÁTICAS UTILIZADAS NO QUALIFIQUE+

Aprender não significa apenas ouvir uma explicação. Em muitos contextos, a aprendizagem ganha maior significado quando o participante pode experimentar, responder, discutir, produzir, comparar e tomar decisões a partir daquilo que está sendo apresentado.

Essa característica esteve presente nas diferentes ações do Projeto Qualifique+.

Embora as atividades tenham abordado assuntos distintos, empregabilidade, inteligência emocional e educação financeira, elas compartilharam uma característica importante: a busca por estratégias que favorecessem a participação do público.

Durante o projeto, os participantes elaboraram currículos, vivenciaram entrevistas simuladas, responderam a quizzes, participaram de dinâmicas e discutiram situações relacionadas a decisões financeiras.

Assim, o conhecimento não permaneceu somente na exposição realizada pelos estudantes extensionistas.

Ele foi colocado em movimento.

9.1 Da explicação à experiência

Uma palestra pode apresentar informações importantes. Entretanto, quando o participante precisa utilizar aquilo que acabou de aprender, surge uma nova etapa do processo.

Imagine duas situações.

Na primeira, alguém explica durante alguns minutos como funciona uma entrevista de emprego.

Na segunda, depois de receber as orientações, o participante senta-se diante de outra pessoa e precisa responder às perguntas de uma entrevista simulada.

O conteúdo pode ser semelhante, mas a experiência é diferente.

Na simulação, surgem elementos que dificilmente aparecem apenas na explicação: nervosismo, necessidade de organizar rapidamente uma resposta, postura, tom de voz e dificuldade para falar sobre a própria trajetória.

Foi justamente essa possibilidade de experimentar que esteve presente na ação sobre empregabilidade desenvolvida pelo Qualifique+. Os participantes não apenas receberam orientações sobre processos seletivos, mas produziram currículos e participaram de entrevistas simuladas.

A experiência permitiu aproximar uma situação educativa de algo que esses jovens poderão enfrentar futuramente.

9.2 Aprender fazendo não significa fazer sem orientação

Atividades práticas precisam possuir propósito.

Distribuir materiais, organizar uma dinâmica ou utilizar uma ferramenta digital não garante, por si só, aprendizagem.

É necessário compreender:

O que queremos que o participante aprenda?

Por que esta atividade ajuda nesse processo?

O que será discutido depois dela?

No Qualifique+, as atividades práticas estavam relacionadas aos conteúdos desenvolvidos em cada ação.

A entrevista simulada estava vinculada à preparação profissional.

O quiz estava relacionado aos conceitos de inteligência emocional.

A dinâmica Necessidade ou Vontade? estava associada à educação financeira.

O debate entre compra à vista e parcelada estava relacionado ao planejamento e ao consumo consciente.

Existe, portanto, uma relação entre conteúdo > atividade > reflexão.

Essa sequência é importante.

PRINCÍPIO QUALIFIQUE+

Uma dinâmica não deve existir apenas para tornar uma apresentação mais divertida.

Ela precisa ajudar o participante a compreender, experimentar ou refletir sobre aquilo que está sendo trabalhado.

9.3 Simulação: experimentar antes de enfrentar a situação real

A simulação foi uma das estratégias utilizadas na oficina de empregabilidade.

Durante a atividade realizada no Colégio Estadual Martins Borges, os participantes vivenciaram entrevistas de emprego simuladas. A experiência considerou aspectos como postura, comunicação, preparação e controle emocional.

Simulações possuem grande potencial em atividades educativas porque criam um ambiente no qual é possível experimentar determinada situação antes de encontrá-la na vida real.

O participante pode errar.

Pode perceber uma dificuldade.

Pode receber uma orientação.

E pode tentar novamente.

Um dos depoimentos registrados após a oficina demonstra a percepção de realidade proporcionada pela atividade:

“Me senti realmente em uma entrevista de emprego.”

Essa frase ajuda a compreender o valor da estratégia.

A atividade não substitui uma entrevista real, mas oferece uma primeira aproximação.

9.4 Produção: aprender construindo algo

Outra estratégia utilizada foi a produção de materiais pelos próprios participantes.

Na oficina de empregabilidade, os jovens confeccionaram currículos, posteriormente observados considerando critérios de clareza, organização, objetividade e apresentação.

Essa atividade possui uma característica importante: ao final, existe um produto construído pelo próprio participante.

Em vez de apenas saber teoricamente quais informações podem compor um currículo, o jovem precisa olhar para sua trajetória e decidir:

O que devo apresentar?

Como organizar minha formação?

Quais experiências possuo?

Como descrever aquilo que sei fazer?

A construção do documento transforma conceitos em decisões concretas.

DO CONTEÚDO PARA A PRÁTICA

Explicar currículo > compreender sua função.

Analisar exemplos > identificar características.

Construir o próprio currículo > aplicar o conhecimento.

Receber orientações > identificar possibilidades de melhoria.

Esse tipo de sequência pode ser utilizado em diferentes ações extensionistas.

9.5 Quiz: aprender também pode envolver desafio

Na ação sobre Inteligência Emocional para o Mercado de Trabalho, o grupo utilizou slides dinâmicos e um quiz para verificar a aprendizagem dos participantes. O relatório registra que os resultados obtidos confirmaram a assimilação dos conceitos trabalhados.

O quiz possui uma vantagem simples: transforma o participante de ouvinte em alguém que precisa tomar uma decisão.

Diante de uma pergunta, é necessário recuperar o conteúdo apresentado, interpretar alternativas e selecionar uma resposta.

Além disso, o resultado pode oferecer aos responsáveis pela atividade uma percepção sobre aquilo que foi compreendido.

Se grande parte dos participantes encontra dificuldade na mesma questão, por exemplo, pode ser necessário retomar determinado conceito.

Por isso, o quiz não precisa ser utilizado apenas como competição.

Também pode funcionar como instrumento de aprendizagem e avaliação.

9.6 Dinâmicas: quando uma escolha gera discussão

Uma das atividades mais marcantes visualmente no relatório do projeto é a dinâmica realizada na oficina Finanças e Primeiro Salário.

Os participantes receberam cartões identificados como “Necessidade” e “Vontade” e precisaram posicionar-se diante das situações apresentadas.

A estratégia é simples, mas possui diferentes possibilidades educativas.

Primeiro, todos precisam tomar uma decisão.

Depois, é possível observar se o grupo concorda.

Quando aparecem respostas diferentes, surge uma oportunidade particularmente interessante:

“Por que você considera isso uma necessidade?”

“Por que outra pessoa classificou como vontade?”

Nesse momento, a atividade deixa de ser apenas uma escolha entre duas placas.

Ela se transforma em discussão sobre contexto, prioridades e consumo.

9.7 Debate: aprender a construir argumentos

A oficina Dinheiro com Propósito utilizou outra estratégia participativa: o debate.

Os participantes discutiram decisões relacionadas à compra à vista e parcelada. Segundo o relatório, o envolvimento foi suficiente para que as discussões ultrapassassem o tempo inicialmente planejado, exigindo mediação das apresentadoras.

Debater exige mais do que apresentar uma opinião.

Quando bem conduzida, a atividade estimula o participante a explicar por que pensa daquela maneira, ouvir argumentos diferentes e eventualmente reconsiderar sua posição.

Em educação financeira, isso é particularmente interessante porque muitas decisões dependem do contexto.

A pergunta:

“É melhor comprar à vista ou parcelado?”

pode parecer simples.

Mas quando são acrescentadas informações sobre desconto, renda, reserva disponível, outras parcelas e urgência da compra, a resposta exige análise.

Assim, o debate transforma uma questão cotidiana em exercício de tomada de decisão.

9.8 Participação também precisa ser mediada

Atividades participativas trazem um desafio: quanto maior o envolvimento, menor o controle absoluto sobre aquilo que acontecerá.

Uma discussão pode durar mais do que o previsto.

Uma pergunta pode abrir outro assunto.

Participantes podem discordar.

Uma atividade planejada para dez minutos pode exigir vinte.

O Qualifique+ vivenciou essa situação durante o debate da oficina Dinheiro com Propósito, quando as discussões precisaram ser mediadas pelas apresentadoras devido à duração maior que a prevista.

Isso demonstra que trabalhar com metodologias participativas também exige preparação de quem conduz a atividade.

O mediador precisa saber quando aprofundar uma discussão e quando encaminhá-la para uma conclusão.

Precisa estimular a participação sem permitir que apenas algumas pessoas dominem a conversa.

E precisa administrar o tempo sem eliminar justamente aquilo que torna a atividade significativa: a interação.

9.9 Adaptar a metodologia ao público

Uma mesma atividade não funciona necessariamente da mesma maneira com todos os públicos.

Essa aprendizagem apareceu de forma bastante clara no grupo responsável pela Inteligência Emocional.

O relatório registra que os estudantes enfrentaram dificuldade para adaptar a linguagem ao público adolescente. Como resposta, realizaram ensaios prévios, redistribuíram as falas e utilizaram slides dinâmicos acompanhados de quiz.

Esse episódio evidencia um princípio importante para ações educativas:

conhecer o conteúdo não é suficiente; é necessário pensar em quem irá recebê-lo.

Vocabulário, exemplos, duração, recursos visuais e tipo de atividade precisam considerar características do público.

Uma explicação adequada para universitários pode precisar ser reorganizada para adolescentes.

Uma dinâmica utilizada com quinze participantes talvez precise ser adaptada para uma turma de cinquenta.

Uma atividade dependente de internet precisa possuir alternativa quando realizada em local com conectividade limitada.

Adaptar não significa reduzir a qualidade do conteúdo.

Significa buscar a melhor maneira de estabelecer comunicação.

9.10 Uma sequência simples para construir uma oficina

A experiência do Qualifique+ permite organizar um modelo básico que pode orientar outras ações.

ROTEIRO PARA UMA OFICINA PARTICIPATIVA

1. Defina o objetivo

O que queremos que os participantes compreendam ou consigam fazer?

2. Conheça o público

Qual é a faixa etária? O que provavelmente já conhecem sobre o assunto?

3. Selecione o conteúdo

Nem tudo precisa ser apresentado. Priorize aquilo que está relacionado ao objetivo.

4. Escolha uma atividade

Simulação? Quiz? Debate? Produção de material? Dinâmica?

5. Relacione atividade e conteúdo

Pergunte por que aquela estratégia ajudará na aprendizagem.

6. Planeje o tempo

Reserve espaço para participação e perguntas.

7. Prepare os materiais

Slides, cartões, formulários, folhas, equipamentos ou outros recursos.

8. Ensaie

Principalmente quando diferentes pessoas dividirão a apresentação.

9. Execute e observe

Nem tudo acontecerá exatamente como planejado.

10. Avalie

O que funcionou? O que precisa ser melhorado?

Essa organização sintetiza aprendizados que aparecem ao longo dos registros do projeto.

9.11 Avaliação também faz parte da metodologia

Uma ação extensionista não termina quando a apresentação acaba.

É importante compreender como o público recebeu aquilo que foi desenvolvido.

O relatório do Qualifique+ registra diferentes estratégias de avaliação: observação da participação durante as dinâmicas, questionários de satisfação por meio do Google Formulários, quizzes interativos e relatos e depoimentos espontâneos dos participantes.

Cada estratégia fornece um tipo diferente de informação.

O quiz pode ajudar a observar compreensão.

O questionário registra a percepção dos participantes.

A observação mostra como o público reage durante a atividade.

Os depoimentos podem revelar experiências individuais que dificilmente apareceriam apenas em números.

Quando utilizadas em conjunto, essas informações ajudam a compreender melhor a ação realizada.

9.12 O que funcionou?

Avaliar também significa olhar para o próprio trabalho.

Depois de uma oficina, a equipe pode reunir-se e discutir:

AVALIAÇÃO DA EQUIPE

O público participou?

A linguagem estava adequada?

O tempo foi suficiente?

A dinâmica contribuiu para o conteúdo?

Houve alguma dificuldade inesperada?

Como a equipe reagiu?

O que manteríamos?

O que mudaríamos em uma próxima aplicação?

Esse momento transforma a experiência realizada em conhecimento para ações futuras.

Os próprios desafios registrados pelo Qualifique+, logística, atraso, comunicação institucional, adaptação da linguagem, gerenciamento do tempo e nervosismo, oferecem aprendizados que podem melhorar novas edições do projeto.

9.13 Registrar também é parte da extensão

Fotografias, listas de presença, materiais apresentados, avaliações e relatórios não servem apenas para comprovar que determinada atividade aconteceu.

Eles preservam a memória da experiência.

O relatório final informa que os registros fotográficos, listas de presença, cartas de anuência das instituições parceiras e materiais apresentados pelos grupos foram organizados como evidências das ações desenvolvidas.

É justamente graças a esses registros que este e-book pode recuperar diferentes momentos do projeto.

As fotografias permitem observar a participação.

Os relatos ajudam a compreender a percepção dos envolvidos.

Os registros das dificuldades revelam aprendizados.

Os resultados permitem dimensionar o alcance das ações.

Documentar uma experiência extensionista também possibilita que ela seja analisada, compartilhada e, posteriormente, replicada.

9.14 Quando o estudante ensina, ele também aprende

Talvez uma das características mais importantes das metodologias utilizadas no Qualifique+ esteja fora das próprias dinâmicas.

Para que os participantes pudessem aprender, os estudantes extensionistas precisaram aprender a ensinar.

Precisaram estudar os temas.

Selecionar informações.

Preparar materiais.

Organizar falas.

Ensaiar.

Responder perguntas.

Administrar o tempo.

Adaptar a linguagem.

Lidar com imprevistos.

Avaliar os resultados.

Nesse processo, a extensão criou uma aprendizagem em duas direções.

A comunidade participou das atividades e teve acesso aos conteúdos.

Os universitários desenvolveram competências enquanto preparavam e realizavam essas mesmas atividades.

É nesse encontro que o conceito de aprender fazendo ganha uma dimensão ainda maior.

Não foram apenas os participantes das oficinas que aprenderam fazendo.

Os extensionistas também aprenderam fazendo extensão.

9.15 Da metodologia ao protagonismo

Simulações, quizzes, dinâmicas e debates ajudaram a tornar as ações mais participativas.

Mas por trás de cada uma dessas estratégias existiam estudantes assumindo responsabilidades reais.

Foram eles que precisaram transformar conteúdos em atividades.

Foram eles que estiveram diante do público.

Foram eles que precisaram reorganizar apresentações quando surgiram dificuldades.

E foram eles que experimentaram, na prática, algumas das competências que buscavam desenvolver junto à comunidade.

Essa dimensão merece ser observada separadamente.

Por isso, no próximo capítulo, o olhar deixa temporariamente o conteúdo das oficinas e se volta para quem ajudou a torná-las possíveis.